

*Francisco Alves*

Se o traço todo da vida, como escreveu Joaquim Nabuco, é para muitos o desenho da criança esquecido pelo homem, ao qual ele terá de se cingir sempre sem o saber, certo, para mim, este pensamento tem conteúdo de vibrante expressão emotiva.

Dele se serve o orador para situar-se no quadro da cativante recepção com que a liberalidade dos vossos corações c integra na gloriosa Academia Cearense de Letras.

Permiti que, à guisa de ingênua homenagem aos abnegados preceptores de minha formação, comece por desprender os olhos deste recinto festivo, para, através da saudade, “asa de dor do pensamento”, na imagem do poeta, rever, num sonho bucólico, o berço onde nasci.

Deixai que vos apresente a paisagem agreste dos dias idos em minha terra natal e vos fale dos primeiros influxos com que a geopsicologia gera no homem estereótipos da humana existência.

Quem viaja pelo interior cearense, com destino aos sertões de Mombaça, passará a um quilômetro, antes da cidade de igual nome, visada em frente, pelo humilde e tradicional “Sítio Recreio”.

No alto de uma colina, de chão duro, de solos vermelhos, erguia-se, há uns vinte e cinco anos, a casa velha onde nasci.

Rodeada de altos alpendres, de sombras amenas em espaços silenciosos, o antigo e rústico casarão de taipa, em tacaniças, era testemunha solitária de uma vida franca e livre,

alternando-se entre tempos de fartura e dias ásperos nas estiagens e secas.

Enfeitando o pátio da vivenda, onde se abrigaram meus avós maternos, procedentes da Serra do Quincuncá, do velho Assaré, e pouco depois, meu pai, vindo dos altos sertões dos Inhamuns, vicejava, esgalhada até o chão, uma frondosa "Riso do Prado", a *Bougainvillea glabra*, resistente às secas, florida e virente no auge do estio.

A planta era uma permanente atração da minha infância e dos viajantes que, em dias de festa, costumavam enfeitar com as suas flores róseo-vermelhas as cabeçadas nos topetes dos cavalos, antes de descerem para a tradicional vila, hoje cidade do rústico sertão.

Ali vim ao mundo a 21 de novembro de 1913. Vi ali as primeiras imagens do trabalho rude, na seca de 1919, turmas de trabalhadores cavando o chão, reconstruindo o velho açude ao lado da estrada, homens escapando da fome, alugando os músculos disponíveis e baratos na tremenda crise.

Acompanhei depois meu pai ao "Sítio Jardim", nos contrafortes dos Inhamuns. Segui-o na lida com a terra, preocupado sempre, como muitos outros, em barrar os grotões secos, em corrigir a natureza e gerar ambiência em uma paisagem humanizada, onde pudéssemos existir.

Meu saudoso e querido tio, Padre Pedro Leão Paes de Andrade, que mais tarde tomou a seus cuidados a minha educação, era um entusiasta da agropecuária sertaneja. Em suas prédicas, ensinava ao povo o gosto de cultivar a terra, de construir açudes, lutando ao lado dos sertanejos por melhores dias. Em seus escritos, publicados nos jornais de Fortaleza, entre 1919 e 1920, depois enfeitados em folhetos com a sugestiva epígrafe *Interesses do Ceará*, aprendi as primeiras lições de humanismo telúrico, a lida intelectual em defesa dos abandonados e esquecidos sertões...

Quando Lourenço Filho implantava no Ceará a sua dinamizadora reforma do ensino primário, substituindo a palmatória pelo ensino ativo, ingressei na Escola Pública de Mombaça, transformada logo em Escolas Reunidas. Duas mestras

ninaram-me as primeiras letras: Ananias Amaral Vieira e Laura de Alencar Freitas. Devo a esta última a encantadora semente... que gerou em mim o gosto de escrever.

Instruía as crianças com a motivação de quadros e paisagens que descrevíamos com interesse. Apresentado o trabalho, corrigido e julgado, o autor era estimulado com elogios...

Em 1927, seguindo uma quase tradição de família, mandaram-me ao Seminário Arquiepiscopal de Fortaleza, onde cursei preparatórios, letras clássicas e Filosofia.

Ao velho Seminário da Prainha, nos seus tempos de estilo rijo, austero e fecundo, devo uma formação moldada no humanismo fundamental.

O Seminário de Fortaleza, como o de Olinda, operou entre nós num sentido verdadeiramente universitário. Foi realmente, nas condições dos primeiros tempos, a nossa primeira Universidade.

Olhem para o trabalho de extensão que os professores, padres, seminaristas e ex-seminaristas realizaram segundo o seu estilo. Fundaram colégios e academias, galgaram as cátedras, dominaram a imprensa e as profissões liberais, assim como as atividades do comércio e da indústria.

Vejam o que o Seminário nos trouxe da Europa, seus mestres franceses e holandeses da Congregação da Missão, seus professores de Filosofia, de Teologia, de Direito Canônico, de História e Hermenêutica, de Ciências Físicas e Naturais, de música, vindos dos claustros e universidades européias, os quais muito contribuíram para a formação do pensamento no Ceará.

O Seminário de pós-revolução de 1930 foi, sem dúvida, a casa de estudos que melhor recebeu e transmitiu os primeiros influxos da ação social. A *Rerum Novarum* e a *Quadragésimo Ano* eram analisadas por professores e alunos.

Na reitoria de Padre Tobias Dequidt, que, com a sua cultura religiosa e filosófica, despertara o entusiasmo da juventude pelas conferências de Sociologia, a Casa viveu atividades intensas, culturais.

Dom Hélder Câmara, então aluno do Curso Teológico, fundara o Centro de Estudos Santo Tomás de Aquino e foi um líder autêntico da renovação. Seu talento dialético erguia-se por sobre as muralhas do claustro inspirando o movimento popular católico dos círculos operários, os debates do Integralismo e da Legião Cearense do Trabalho.

Aprendíamos os princípios da filosofia natural do espírito, a filosofia da evidência, a filosofia do ser, a filosofia da inteligência: *Scientia rerum humanarum cognoscibilium per causas vel rationes ultimas, naturali lumine comparata*.

A Lógica, as questões de Metafísica, a Criteriologia, a crítica dos sistemas filosóficos eram-nos ensinados por Padre Dr. Josefino Cabral, culto, enérgico, austero ao extremo, lido em Roma, na Universidade Gregoriana.

No Seminário Menor, Monsenhor Otávio de Castro mantinha o ensino da Literatura em alto estilo universitário, despertava em nós o interesse pela arte literária. Ensinando-nos também História do Brasil, nos ministrava civismo.

Forte, altivo, diplomata nos gestos e sempre jovial em tudo, era para nós como uma árvore carregada dos frutos da esperança. Devo-lhe o estímulo e o gosto pela literatura.

Padre José Barbosa Magalhães foi meu primeiro professor de História Natural. Dele ouvi as primeiras lições de Botânica, de Zoologia, as primeiras curiosidades sobre Genética e Mendelismo, sem pensar que mais tarde seria agrônomo e professor de Zootecnia. Simples, humano e bom, com um vasto espírito de tolerância e perdão, era um entusiasta da Biologia. Doutrinava com toda a fé em si, em Deus e até em nós mesmos...

Do histórico, tradicional e hoje despovoado casarão da Prainha, saí para cursar técnicas agrícolas na Escola de Agronomia do Ceará.

Num retrospecto de minha vivência, e comparando aquele extinto Ateneu de batinas, que não teve um Raul Pompéia para romancear a sua estória, volto à miragem da terra onde nasci.

Como o casarão solitário da Prainha, cuja vida se foi nas mutações do tempo, são para mim as ruínas da casa velha e a paisagem em que abri os olhos na tenra infância.

A estrada de rodagem, rasgando a terra nua em cortes profundos, decepcionou as raízes, matando o meu "Riso do Prado". O progresso e a tecnologia vão assim substituindo inelutavelmente paisagens e valores.

Como superar a beleza da antiga ternura?

Matriculei-me na Escola de Agronomia do Ceará em 1934. Ali, fui encontrar outros Mestres, cuja erudição e exemplo aprimoraram em sentido e conteúdo técnico a minha formação

Renato Braga e Tomás Pompeu Sobrinho mostraram-me o caminhar positivo da problemática agrônômica do Nordeste, especialmente no Ceará.

O primeiro, escritor de ciências e recursos naturais, historiador e geógrafo, recebeu-me na Escola por ele dirigida, como um indigitado continuador de sua messe cultural. Instruía-nos quanto à necessidade de formar convicções agrônômicas com apoio na Geografia Agrária, considerando o ecológico como fundamental, quer em Fitotecnia, quer em Zootecnia.

O segundo, de quem trataremos, como sucessor do eminente sábio, ocupante da 6ª Cadeira desta Academia, foi a maior figura da cultura cearense, um luzeiro do Nordeste, fincado no Ceará, dominando o tempo num vasto campo que merece acurada investigação.

Ambos desapareceram, deixando no eterno o vazio insubstituível de suas formações. Todavia, a partir da Escola de Agronomia, recolhi o timbre e cadência dos seus firmes passos.

A 23 de dezembro de 1938, o recipiendário colava grau de Engenheiro-Agrônomo em cerimônia das mais solenes, realizada então no Teatro José de Alencar. Participaram da sua turma 25 agronomandos da qual foi escolhido orador por gentileza dos seus distintos colegas.

Com apoio nos ensinamentos recebidos, procuramos realçar no discurso o lema do nosso quadro de formatura: "Estudaremos o Nordeste".

Terminada a colação de grau, uma das primeiras pessoas a cumprimentar e louvar o orador pelas letras de sua oração foi a saudosa e benemérita Henriqueta Galeno, nume tutelar da atividade literária nos serões cearenses.

Em 1942, concluía também na Faculdade de Direito do Ceará o curso jurídico que me alentou a visão humanista.

Não podia deixar à margem este ingênuo episódio, ao ouvir a saudação generosa de Cândida Maria Santiago Galeno, sucessora de Henriqueta na direção da Casa do velho bardo das *Lendas e Canções Populares*.

Suas palavras exaltam mérito que não possui o neo-Acadêmico, devoto humilde do Instituto do Ceará e da Casa de Juvenal Galeno, acostumado ao convívio dos largos alpendres, onde se abrigam violeiros e cantadores e das reuniões em que todos se igualam no feliz entendimento entre o antigo e o novo, os grandes e os simples.

Enfrentando o desalento, a apatia, a insensibilidade de muitos e a mediocridade insatisfeita de outros, aquele reduto popular de Letras e Artes continua milagrosamente de pé, prospera e se desenvolve sob a liderança de Cândida Maria. Eis o melhor título de sua operosidade, inteligência e dedicação incomparável às letras cearenses.

Fundada por uma filha, ampliada por sua neta, a Casa de Juvenal Galeno é árvore que se nutre de sol, de sonhos, de sensibilidade ativa, de ternura, de cinzas que se tornaram verdes no Ceará.

Eleito para a Cadeira nº 6 da Academia Cearense de Letras, a mais antiga das instituições congêneres existentes no Brasil, cumpre-me agora reverenciar a memória dos seus Patrono e ocupante a quem me foi dada honra insigne de suceder.

Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, cuja imortalidade avultará no conteúdo de sua obra de feição e sentido global, a qual, em tintas mui seguras, revela a magistratura do espírito, tão necessária na hora presente, é marco na divisa deste século, que honra no Brasil esta Academia e o Instituto do Ceará, os quais ele fundamentou e engrandeceu com os seus escritos e liderança.



Ele polarizou, em atitude dinâmica e em sentido projetivo, um pensamento ativo, irradiando para o Nordeste e para o Brasil sérias reflexões. Com ele as letras ouviram a necessidade de vera ciência, sem a qual seria impossível garantir a vida. Tentou diretrizes e novos caminhos. Soube acrisolar com erudição e talento uma filosofia essencial aos anseios de desenvolvimento. Fê-lo com os pés bem firmes na terra, numa visada para o homem, com retículos bem aplicados ao Nordeste, ensinando a problemática de sua gente.

Viveu numa época em que as inteligências do chão provinciano se sensibilizaram muito com o drama da terra e do homem, e uma grande literatura soube crescer com raízes e frondes, mostrando lá fora as nossas inquietações, como problemas universais.

Diremos inicialmente que aquelas intelectualidades floresceram com raízes profundamente mergulhadas na terra cearense. São sertanistas da mais pura, resistente e sedosa fibra, os quais traziam nos corpos e almas o impulso das ancestralidades familiares.

Vinham, usando uma expressão já histórica do colonial povoamento, dos *sertões de fora* e dos *sertões de dentro*, para estas amenas paragens litorâneas, onde cidades, como a nossa Fortaleza, cresceram frente ao mar, em contato com a civilização européia em desenvolvimento.

Não esqueceram as jornadas difíceis dos seus avoengos, os contatos com a terra seca e o pedregulho, os braços tangendo os gados, as mãos colhendo frutos entre os espinhos...

E aqui se estabeleceram, operando cada um segundo a sua natureza íntima, diversificando-se as tarefas em algumas variantes de compreensão, disponibilidades de instrumentos, ou traços vocacionais de talento.

Uns fizeram poesia, cantaram em suas violas lendas e canções populares, outros dedilharam liras e violões; muitos escreveram romances regionais, fizeram crônicas das secas, vingaram com tintas imortais a Terra de Sol.

Do grupo nimamente literário, destacam-se os realistas; alguns naturalistas ou escritores de recursos naturais, histo-

riadores, geógrafos, economistas embrionários, anotropólogos, iam formando a corrente dos cientistas de que Pompeu Sobrinho participou com maior e melhor sentido... Era o pioneirismo em prelúdio...

Todos, porém, cuidaram da terra, dos seus problemas, das suas angústias. Traziam como na mente aquele versículo 31 do capítulo III do Evangelho de São João: *qui de terra est, de terra loquitur* — quem é da terra, da terra fala, com esperança e com amor...

As realizações dessa primeira lavra em campo virgem, a expedita intuição desbravadora, seu considerar aos arremessos de uma formação humanista, permitiram-lhe uma visão global, um tratamento das coisas que o puro especialismo de técnicas efêmeras não teria capacidade de realizar e está infelizmente faltando na hora.

Começaremos por considerar a fidelidade histórico-geográfica com que Pompeu Sobrinho empreendeu o registro e levantamento de fatos e recursos naturais para uma análise em profundidade das condições de desenvolvimento econômico e social do meio semiárido no Ceará.

Exaltaremos a virtude, a abnegação, a perseverança e até a ousadia como o nosso incomparável Mestre se preocupou com a terra e o homem do Nordeste, legando-nos um tesouro insuperável, porquanto encerra sementes de idéias universais que o espírito criador soube gerar em condições de germinarem no futuro...

Tentaremos definir esforços tão persistentes como expressão anímica do que denominamos *Humanismo Telúrico do Nordeste*.

O Humanismo contemporâneo busca a transformação do mundo e das coisas em benefício do homem. É, segundo Adam Schaff, "um conjunto de reflexões acerca do Homem, considerado como o bem maior, e tendendo a assegurar-lhe condições para a realização de sua felicidade". Considera o infável Padre Lebrete que tal objetivo será conseguido em termos ou metas de *mais ter, mais valer, mais ser*.



Diremos que o nosso Humanismo Telúrico revela-se no esforço empreendido em vista de assegurar ao homem da região melhores condições de desenvolvimento e bem-estar através de recursos materiais e humanos.

O estudo destas preocupações humanistas, a luta das comunidades rurais e urbanas para transformar em providências governamentais as aspirações de desenvolvimento constituem aspecto novo e empolgante, que interessa esta Academia como as demais instituições de cultura e a própria Universidade.

Se revolvermos o passado, veremos como os imortais obreiros deste grêmio tradicional com elas se inquietaram, desde a sua fundação em 1894, quando Guilherme Studart esboçara um projeto que mais tarde Pompeu Sobrinho tentou consolidar no propósito de elaborar a Enciclopédia Cearense. Consignaria a mesma em verbetes de uma monumental obra “todas as manifestações da Natureza e do Homem em terras do Ceará e de suas relações com cousas e homens não cearenses”.

Para examinar os fatos históricos das nossas letras, teremos que reunir fragmentos de vidas, ou melhor, painéis de existências humanizadas neste trabalho hercúleo, em que encontraremos na liderança Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho e, com ele, outros abnegados desta Academia.

Veremos que uma consciência rebelde e realista vem desde muito firmando-se no pensamento dos intelectuais, líderes das diversas atividades, os quais timbram em manter sempre acordado o povo nordestino.

Há uma plêiade de escritores geopônicos no Ceará, elan que tem as suas amarras, antevisões, influxos, a partir do velho Senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil, que se transmitiu como nova espécie de herança aos demais rebentos dessa importante família, na origem, um dos clãs sertanejos, cujo vulto, extraordinário no seu tempo, prefigura a vigorosa expressão do que, com invulgar mestria e sublime afeto, trataram Nertan Macedo e Hugo Catunda ao estudar *O Clã de Santa Quitéria*, memória histórica sobre vaqueiros, políticos e eruditos.

Desta fecunda e gloriosa estirpe é Tomás Pompeu Sobrinho. Nascido a 16 de novembro de 1880 e falecido com 87 anos a 9 de novembro de 1967. Foi, no testemunho de todos os que o conheceram de perto, um sábio e um santo, pela devoção à ciência e à causa da humanidade, por cujos problemas lutou neste ângulo do Nordeste brasileiro.

Era filho do Dr. Antônio Pompeu de Sousa Brasil e de D. Ambrosina Pompeu de Sousa Brasil. Seu pai, médico humanitário, foi construtor e pioneiro de indústria no Ceará. Homem culto, intelectual de reconhecido mérito, é o Patrono da Cadeira nº 6, ocupada por Pompeu Sobrinho. Este é neto do antigo Senador Pompeu e sobrinho do outro Tomás Pompeu de Sousa Brasil, filho do Senador, o mais notável geógrafo do seu tempo, como assevera Clóvis Beviláqua.

O Senador Pompeu era Padre e Bacharel em Direito. Matriculara-se no Seminário de Olinda e na velha Academia de Direito, lá então existente, de onde saiu teólogo e jurista.

Foi livre-docente de Teologia no Seminário de Olinda. Cedo passou-se para as lides da jurisprudência e da política. Ilustre descendente dos Pintos de Mesquita, do famoso Clã de Santa Quitéria, foi o Senador Pompeu, como sobejamente documentam os seus biógrafos, “um liberal avançado, da linha do chamado grupo ortodoxo do liberalismo, que tinha fundas raízes nos movimentos republicanos de 1817 e 1824, quando parentes seus, os padres Mororó e Miguelinho, foram imolados aos ideais de liberdade e republicanismo”.

Como político, soube exercer a representação popular, com ciência e experiência: jornalista, geógrafo e escritor de recursos naturais, foi um pioneiro da política objetiva no Brasil.

É ele o fundador da geração de enciclopedistas, que tem um continuador em seu filho, o segundo Tomás Pompeu de Sousa Brasil, o qual foi nimamente um erudito. Este também formara-se em Pernambuco, na Faculdade de Direito do Recife, que, de suas torres mandava então, para o Brasil e para o Nordeste, líderes do livre pensamento, águias das idéias li-

berais e do nativismo, que voavam dos campanários para implantar, por toda parte, outros ninhos da consciência nacional.

Ambos foram bons políticos, intransigentes defensores da problemática regional, que conheciam através de estudos próprios e pesquisas pioneiras, debatendo temas de interesse econômico e social no parlamento, com mestria insuperável, ocupando posição destacada no legislativo, não por conchavos partidários, mas, pela evidência do seu talento e cultura.

Ambos “vincularam os seus nomes às instituições políticas brasileiras, revelando, como dizem os biógrafos um padrão clássico de vida pública norteada pela abnegação, pelo desinteresse, pelo espírito de renúncia”.

O primeiro Pompeu, teólogo, jurista, geógrafo e também pioneiro dos estudos de estatística e demografia no Brasil, foi o fundador do velho Liceu do Ceará.

O segundo, também jurista, mas livre pensador, nutriu-se do exemplo do seu pai, de quem recebeu primorosas lições. Foi um sol das nossas letras. É o fundador da Faculdade de Direito do Ceará, como, igualmente, foi o 2º Presidente do Instituto do Ceará e o 1º da Academia Cearense de Letras. Presidente do Centro Industrial de Fortaleza, Deputado à Assembléia Geral em três legislaturas, Vice-Presidente e administrador de negócios de sua Província. Escritor de longo tirocinio e de farta obra geopônica, cuidou igualmente de administração pública, agricultura, comércio.

Ajudado por seu irmão, o Dr. Antônio Pompeu, foi o pioneiro da indústria de tecidos no Ceará. Caracteriza-se como um pensador ativo na mais completa compreensão.

Em síntese, diremos que o primeiro Pompeu foi o precursor da geopolítica regional; o segundo, foi o erudito, o pensador ativo; o terceiro, Tomás Pompeu Sobrinho, é o cientista, o consolidador dos fundamentais estudos da cultura cearense. Não ingressou na política partidária, mas fez política científica. Tentou vigorosos esboços de uma política objetiva. Sua obra não foi superada, pois, estabelecendo um elo entre o presente, o passado e o futuro, legou-nos um substrato vivo

para a continuidade histórica dos estudos e planejamentos regionais.

A vida de Tomás Pompeu Sobrinho é uma curiosa trajetória do físico ao humano. Coursou a Escola de Minas de Ouro Preto e, ainda estudante, dedicou-se à exploração de uma mina de ouro na povoação de Antônio Pereira a duas léguas da antiga cidade. Não conseguindo resultados, tentou reconstruir uma velha fábrica de ferro, colonial, nas proximidades de Bento Pereira, onde eram forjadas ferraduras de animais. Em 1903, aos 22 anos, ao sair da Escola, volta de Minas para o Ceará, onde ingressa na administração pública como Engenheiro-ajudante da Comissão do Açude Quixadá, a cujo solo se radicou, sendo sucessivamente promovido a Engenheiro da Primeira Secção e a Engenheiro-Chefe do Primeiro Distrito da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas.

É sob o comando do Engenheiro Miguel Arrojado Lisboa que decola a operação das obras contra as secas no Nordeste. Inicia-se a fase da sistematização e implantação de estudos diversos e projetos, esboçados com um notável conteúdo geográfico. Uma programação científica, de espírito verdadeiramente universitário, inaugura-se com levantamentos topográficos, botânicos, hidrológicos, geológicos. Observa com muita razão o nosso Pompeu Sobrinho que “as primeiras providências no sentido da irrigação começaram com vistas largas e em grande estilo”.

Arrojado era um engenheiro de formação humanista, o que vale dizer, um engenheiro culto. Da sua mente, a Inspetoria recebeu os ideológicos impulsos do pensamento então dominante de Frederico Ratzel, fundador da Escola Determinista, que atribui maior importância ao meio do que ao Homem. Adaptar o meio ao homem mediante a implantação de grandes barragens e produzir o florestamento ou reflorestamento das áreas desnudas.

Importante é considerar como aquelas idéias influíram na mente do ainda jovem Pompeu Sobrinho, agitando-se com os demais companheiros pelos sertões. Ele produziu as memórias justificativas do “Açude Quixeramobim”, do “Açude Ria-

cho do Sangue” e do “Poço de Paus”, foi a I.F.O.C.S. o seu primeiro laboratório e campo de observações. Tornou-se, desde então, o maior pesquisador das secas no Nordeste.

Surge na imprensa com valiosíssimos artigos e pesquisas sobre geo-economia: cultura seca, florestamento e reflorestamento, ensino popular da agricultura. Com Alfredo Bena e outros, funda a Escola Prática de Agricultura em Quixadá, viveiro dos primeiros técnicos agrícolas e de agricultores esclarecidos no Ceará.

Preocupa-se com a construção do Orós. Já entre 1910 e 1911 havia descoberto o local do açude e estudado cuidadosamente o boqueirão. Examina o perigo de arrombamento da grande barragem e estuda o fator moral da construção e aproveitamento dos grandes açudes.

Mais tarde, incorpora-se à Escola de Agronomia na fase de sua implantação como estabelecimento particular. Ocupa a Cátedra de Engenharia Rural, Hidráulica e Construções Rurais, transmitindo aos estudantes de agronomia a sua experiência em problemas de açudagem e irrigação.

Modesto, simples, paciente, à sua bondade aliava-se uma inteligência criadora, uma compreensão dos nossos problemas e angústias, as quais se desfaziam ante a competência do Professor, que infundia respeito, impunha simpatia.

Nós, alunos, líamos os seus magistras artigos sobre agropecuária. Básico, o livro que ele publicou em 1917 sobre *A Indústria Pastoril no Ceará*, em que propõe um plano de desenvolvimento, demonstrando que solucionar o problema das secas é assegurar às indústrias agropecuárias o seu desenvolvimento. O que escreveu nesse livro constitui ainda um roteiro para os agrônomos, merecendo o prosseguimento e atualização da pesquisa. Depois de examinar o histórico do Ceará, fundamentalmente pastoril, considerou o clima, a flora, a fauna, as pastagens nativas, a salubridade da terra para o criatório. Pesou os obstáculos naturais, as secas, as zoonoses e animais nocivos. Em uma segunda parte, estuda as raças introduzidas e a luta contra o meio. Examina as condições da fazenda sertaneja, sua economia e possibilidades de melho-

ramento. Pondera a alimentação como fundamental, e dá a conhecer as primeiras análises das forrageiras nativas do Ceará, indicando seu racional aproveitamento.

Foi, desde 1916, o precursor do cultivo do algodão arbóreo, de fibra longa. Fez-se agricultor da malvácea, realizando demonstrações de resultados em suas terras. Discutiu longamente o problema na *Revista Nordeste Agrícola*. Como criador em Quixadá, fez também Zootecnia, tentando os primeiros ensaios sobre a raça suíça, que introduziu e melhorou em sua fazenda Jardim, selecionando tipos e fazendo cruzamentos.

Depois de observar o Ceará inteiro, que percorreu a cavalo, passo a passo, e de escrever o seu *Esboço Fisiográfico*, obra ainda hoje indispensável aos estudiosos e mestres; depois de analisar o monumental acervo da I.F.O.C.S. e tudo o que se publicou e pesquisou até então sobre as secas do Nordeste, mergulhou no passado cearense. Examinou os seus quadrantes desde uma Proto-História a uma Pré-História, que publicou, versando tema difícilíssimo entre nós e de escassas fontes, minguidos instrumentos e material.

Pode-se definir o porte de Tomás Pompeu Sobrinho como cultor, pioneiro da Geografia Ativa, não só no Ceará, no Nordeste, mas no Brasil. Ninguém neste país soube exercitar-se assim neste campo sob tão integral e soberana compreensão. C seu apostolado comprova sobejamente a tese que defendemos. É que ele foi, como geógrafo, o historiador do atual. Viu por fora e por dentro todas as coisas. Muniu-se de Antropologia para analisar a problemática nordestina. Fez-se indianoólogo para sentir melhor a gênese das formações humanas.

Quando, agora, Pierre George, Guglielmo, Kayser e La Coste ditam os princípios da Geografia Ativa, o Presidente Perpétuo do Instituto do Ceará e ex-Presidente desta Academia já se exercitava, desde muito, construindo neste sentido a sua obra.

A Geografia, ensinam hoje os seus maiores especialistas no mundo, é o resultado e o prolongamento da História; o objetivo da Geografia Ativa é perceber as tendências e as perspectivas da evolução, medir em intensidade e em projeção



espacial as relações entre as tendências do desenvolvimento e seus antagonistas, definir e avaliar a eficácia dos freios e dos obstáculos (P. George). Mas, é precisamente isso o que antevia Pompeu Sobrinho. Neste caminho doutrinava e planejava pesquisas no Ceará.

Ensinam ainda aqueles Mestres que a Geografia Ativa consiste em estabelecer um elo entre o passado e o futuro com vistas à procura da continuidade histórica.

Este foi o propósito de toda a obra insuperável do bom e imortal Pompeu.

Depois de escrever a sua *História das Secas*, o mais importante documentário, contendo substancial crítica do que se fez e do que se deixou de fazer em favor do homem do Nordeste, chegou à conclusão da necessidade de fixar-se uma doutrina com base na experiência histórica.

Transpondo os limites da solução hidráulica, das soluções florestal e hidrológica, bem assim do preconizado manejo e aproveitamento dos solos pela *dry farming* ou pela agricultura conservadorista (conservação do solo e da água), foi o primeiro a formular uma "solução compósita" ou antropológica: adequado ajustamento do meio físico e do meio social a situações novas, que impliquem no máximo rendimento e êxito do trabalho racionalmente humanizado mediante o conhecimento integral do próprio homem da região.

A necessidade de empreender investigações de campo mais precisas dos fenômenos físicos e sociais, muito preocupou a Pompeu Sobrinho, voltado, nos últimos anos de sua vida, para a implantação do Instituto de Antropologia da nossa Universidade, setor que fundou e dirigiu, lançando as bases seguras do seu desenvolvimento. Elaborou o I e o II volumes de um verdadeiro tratado de Antropologia que merecia ser adotado oficialmente nas Escolas superiores da Universidade, a qual deveria se aproximar cada vez mais do lema que a si traçou, de realizar o universal pelo regional.

Atravessamos a fase em que o mundo se volta para a capacitação do homem, fase de integração do desenvolvimento e da promoção universitária. Em seu Projeto de Pesquisa Só-

ciocultural, publicado no tomo 76 da *Revista do Instituto do Ceará*, Pompeu, em nota prévia, clama pela implantação de estudos que levem ao conhecimento exato ou, tanto quanto possível, certo, das condições socioculturais da Região.

Critica os governos do Ceará por falta de orientação antropológica de sentido humanista. Ora, a quem examinar a literatura mais recente no mundo oriental ou ocidental, não faltará a evidência. Subsiste um fundo antropológico na problemática política, acatada esta doutrina mesmo pelos adeptos do mais arraigado marxismo, como ponto crucial — o reconhecimento crescente da importância da antropologia filosófica, concebida esta antropologia como inquérito a propósito dos problemas do nosso tempo.

Eis que o período do economismo puro, estreito, abstrato, findou, dizem os Mestres da Geografia Ativa. Renasce a necessidade vital da humanização da tecnologia, ou, como proclama Erich From, de uma tecnologia que sirva à humanidade toda e não apenas para agravar o poder escravizante de grupos monopolistas ou de nações já ricas e poderosas da Terra.

É preciso procurar *Humanitas*, na política como nas letras e nas artes, cuidar do sujeito e não apenas do objeto insensível, material e rude.

Esta, a lição de Tomás Pompeu de Sousa Brasil Sobrinho, que a vossa Academia Cearense de Letras e o nosso Instituto do Ceará, além de outras corporações culturais, guardam na Terra da Luz.

Perdoai-me haver falado tanto de problemas, quando deveria simplesmente curvar a fronte para agradecer-vos. Eu vos direi, nos versos de Carlos Drummond de Andrade:

*Ai, por que tocar em cordilheiras e oceanos!  
Sou tão pequeno (sou apenas um homem)  
e verdadeiramente só conheço a minha terra natal,  
dois ou três bois, o caminho da roça,  
alguns versos que li há tempos, alguns rostos que  
[contemplei.*

*Nada conto do ar e da água, do mineral e da folha,  
ignoro profundamente a natureza humana  
e acho que não deveria falar nessas coisas.*

Chego a esta Casa sentindo a consciência do humano, a necessidade de vivê-lo mais intensamente convosco em todas as suas realizações. E as letras podem isso. Podem e devem erguer nos braços, em uma continuidade histórica, as tradições gloriosas desta Academia.

À sua frente se acha Manoel Eduardo Pinheiro Campos, fiel representante do humanismo telúrico no pensamento e na ação. Vejo-o na imprensa a proclamar os valores da terra e do homem, no mesmo ímpeto com que o jornalista do século, Assis Chateaubriand, velava pelo mundo agrário no Brasil. Ao seu lado, uma plêiade de talentos, maduros e novos, mostram-se capazes sempre do exercício a que o citado Erich From chamou, quanto ao pensamento, a “revolução da esperança”.

Ouvi mais estes versos de Carlos Drumond de Andrade:

*Sei que há países roxos, ilhas brancas, promontórios  
[azuis,  
A terra é mais colorida do que redonda, os nomes  
[gravam-se  
em amarelo, em vermelho, em preto, no fundo  
[cinza da infância.*

Humilde pastor, descendente de vaqueiros e sertanistas do Nordeste, ingresso nesta Academia para, vivendo o meu sonho agreste, ajudar a apascentar o vosso cintilante, imortal, rebanho de estrelas...

Muito obrigado.